

# ÍNDIOS, FUTEBOL E UM ESTUDANTE EM FORMAÇÃO: relato de uma experiência acadêmica

Rafael Benassi dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste trabalho, busco expor um pouco da experiência que tive como estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) enquanto bolsista de um projeto de extensão denominado *Da Arapuça ao Futebol: O Lazer Kaingáng Através dos Tempos*, com financiamento do MEC/SESu. Relaciono o relato a uma bibliografia pertinente à temática, respondendo algumas questões e também provocando outras. Em meio as minhas impressões – aquelas de um jovem em pleno processo de formação acadêmica –, tento fazer um rápido balanço de minhas memórias da experiência dentro e fora das aldeias, das leituras que fiz sobre o tema e sobre a necessidade de criar um material que preencha um pouco a carência da temática.

**Palavras-chave:** Kaingáng. Lazer indígena. Formação de professores.

## 1 INTRODUÇÃO

Este relato se propõe a expor alguns aspectos e momentos de minha experiência enquanto acadêmico junto às terras e povos indígenas, principalmente Kaingáng de Santa Catarina, com os quais tive contato como bolsista de um projeto de extensão que mudou o rumo de minha trajetória na universidade através de um tema completamente novo na minha formação: a Etno-história. Procuro relacionar meu relato a uma bibliografia pertinente ao tema, buscando elucidar algumas questões importantes relacionadas, principalmente, ao lazer indígena, focando mais especificamente a prática do futebol.

Quando entrei na universidade, no ano de 2009, não possuía conhecimento algum sobre a temática indígena. Admito que seja culpado por minha própria ignorância no assunto, porém não posso deixar de criticar as enormes falhas na minha formação escolar, que não

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica da CAPES/OEEI - Observatório de Educação Escolar Indígena, sob a orientação da professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold. Integrante do LABHIN – Laboratório de História Indígena. E-mail: [benassi.rafael@gmail.com](mailto:benassi.rafael@gmail.com)

proporcionou contanto algum com o tema, em grande parte pela baixa qualidade do ensino público (já conhecida de todos, e que não convém discutir aqui) e mais ainda pela falta de material disponível para os professores, que tratasse adequadamente essa questão. Hoje, graduando da sexta fase do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possuo mais subsídios para olhar minha própria trajetória escolar e perceber essas lacunas de conteúdo, que me privaram de reflexões de imensa importância para a formação intelectual e cidadã de uma pessoa.

Após um ano de minha entrada na universidade, tive a oportunidade de participar, como bolsista, de um projeto de extensão importantíssimo na minha trajetória acadêmica, para o qual fui selecionado. Trata-se do projeto intitulado *Da Arapuca ao Futebol: o lazer Kaingáng através dos tempos*, coordenado pela professora doutora Ana Lúcia Vulfe Nötzold, fundadora e coordenadora do Laboratório de História Indígena (LABHIN) do Programa de Graduação e Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi a partir deste momento que passei a conhecer um pouco mais a realidade indígena brasileira, tanto pelas leituras quanto pelas saídas de campo, que abalaram meu mundo com a temática apaixonante, fundamental para qualquer um que queira pensar nossa sociedade de maneira crítica. Para isso faz-se necessária a compreensão das diversas realidades culturais presentes no nosso país, entendendo que as diferentes maneiras de atuar na vida social geram maneiras diferentes de viver, e que o preconceito está nos olhos de quem não conhece.

Através do projeto, visitei várias terras indígenas, principalmente as dos Kaingáng em território catarinense. Acompanhando amigos do Laboratório, que participam de outros projetos e pesquisam outros povos, conheci também algumas terras Guarani, assim como indígenas Xokleng e, assim, tive a oportunidade de entrar em contato com as três etnias presentes no estado de Santa Catarina.

Meu trabalho se centrava nos Kaingáng, na Terra Indígena Xapecó (TI-Xapecó), localizada no oeste do estado de Santa Catarina, entre os municípios de Ipuacu e Entre Rios. Por conta da parceria entre o LABHIN

e a Escola Indígena de Educação Básica (EIEB) Cacique Vanhkrê, meus trabalhos se concentraram na aldeia sede da TI conhecida como Jacu, onde se localiza a escola. O projeto tem como objetivo perceber as mudanças nas atividades de lazer dos indígenas daquela região, impulsionadas principalmente pelo contato com os não-indígena, assim como pela degradação de suas terras. A finalidade da pesquisa é produzir material didático-pedagógico que atenda os objetivos da lei nº 11.645<sup>2</sup> e auxilie na formação tanto de indígenas como de não-indígenas, contribuindo para diminuir o preconceito e promover sua inclusão social.

## **2 PRIMEIRAS IMPRESSÕES**

Minha primeira ida a TI - Xaçepó aconteceu em agosto de 2010. Uma parte da equipe foi com um carro alugado com verba do projeto e a outra, na qual eu me incluía, foi de ônibus. Saímos do Terminal Rodoviário Rita Maria, em Florianópolis, as 19 horas com destino a Chapecó. A chegada era prevista para 4 horas da manhã. Assim que chegamos, pegamos um taxi até um hotel que ficava na cidade vizinha Xanxerê e, pontualmente, às 8 da manhã, estávamos prontos para visitar a TI. Havíamos alugado mais um carro na cidade, assim dois veículos levaram nossa equipe, naquela fria manhã de inverno, rumo à aldeia Jacu e a EIEB Cacique Vanhkrê.

Percorremos um pequeno trecho no perímetro urbano que liga as cidades de Xanxerê e Bom Jesus e em pouco tempo estávamos em uma longa estrada de terra que corta grandes plantações. Fiquei surpreso ao saber que, antigamente, toda aquela região era coberta por pinheiros, pensei em quanta degradação foi promovida naquela terra e quanto aquilo afetou os Kaingáng, que mantêm com a Araucária e o pinhão fortes ligações culturais. Esperava apreensivo pelo meu primeiro contato com um povo indígena.

No carro, e durante toda a viagem, a professora Ana Lúcia e meus outros amigos, mestrando e doutorandos no Laboratório, sempre me

---

<sup>2</sup> Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

auxiliavam com preciosas informações, ajudando-me a entender um pouco melhor a causa indígena, suas reivindicações, o processo do contato com o homem branco, a cultura tradicional Kaingáng, etc. As conversas informais, regadas a chimarrão, invariavelmente eram divertidas e muito informativas, e muniram-me de subsídios que me auxiliaram a compreender a realidade da Terra Indígena Xaçecó, realidade que eu presenciaria pessoalmente.

A primeira impressão que tive, ao chegar, foi a de adentrar em uma comunidade de humildes agricultores. As casas de madeira, espalhadas ao longo do grande território, davam a impressão de abundância de terra, porém, era só avançar um pouco mais para descobrir que as maiores áreas, propícias para a agricultura, ficavam fora dos limites do território indígena. A maioria das casas possuía uma pequena horta ao lado, e, embora muitas casas fossem de madeira, era impossível deixar de notar algumas cobertas por lonas, sem estrutura alguma. As crianças, quase sempre descalças, vestiam roupas velhas e olhavam curiosas os carros que avançavam.

Impressionou-me a extensão do território indígena, mas sabia que no passado o seu território tradicional era muito maior, compreendendo os estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Mesmo tendo sido reduzido enormemente seu contingente populacional, pelo histórico processo de contato com a civilização, os Kaingáng ainda representam um dos três maiores grupos indígenas do Brasil, com uma população de aproximadamente 33 mil pessoas, ocupando cerca de 32 TIs. A TI Xaçecó, dividada em 17 aldeias, abriga 5.500 indígenas dos pouco mais de 9.000 presentes no nosso estado<sup>3</sup>.

Rapidamente chegamos a EIEB Cacique Vanhkrê, que chamava a atenção por seu formato e tamanho. A escola era imensa e em formato circular, remetendo a uma oca e lembrando como, no passado, eram organizadas as moradias dos indígenas daquela região (SILVA, 2011). O ginásio de esportes lembra um tatu, animal sagrado para os Kaingáng e base de sua alimentação. A arquitetura da escola, ligada à tradição da

---

<sup>3</sup> De acordo com dados da FUNASA/2009. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>> Acesso em: 17 jan. 2012

comunidade, foi inaugurada no ano 2000 e traz consigo a intenção de fortalecer e preservar a cultura tradicional do povo Kaingáng. A EIEB Cacique Vanhkrê é a maior escola indígena de Santa Catarina, contando com cerca de quarenta professores, todos indígenas, e quase todos com ensino superior completo (SILVA, 2011). Apesar dos grandes problemas de infraestrutura, esta escola é modelo no estado de Santa Catarina e fora dele no que diz respeito à educação escolar indígena.

Não era preciso ter muita experiência em terras indígenas para perceber o gosto pelo futebol. Em todos os lugares da aldeia era possível encontrar crianças e adultos com camisas de times, com bolas no pé, em pequenas partidas disputadas no quintal de casa, na rua ou nos campos dos colégios. Imediatamente compreendi a importância do projeto no qual eu era bolsista. Através das entrevistas, realizadas com anciões, adultos e crianças, utilizando a metodologia da história oral, verifiquei o quanto o futebol era antigo na aldeia, sendo conhecido, como afirma Fassheber (2006, p. 109), muito provavelmente, há tanto tempo entre os Kaingáng “como o era para os demais brasileiros”. Foi através destes relatos que percebi a relevância na aldeia, e em toda terra indígena, de um time de futebol chamado Dezenove de Abril. Formado só por indígenas, o time havia disputado diversos campeonatos dentro e fora da TI, tendo conquistado posições de destaque em muitos destes torneios realizados em cidades vizinhas. Voltarei a essa questão mais adiante.

### **3 O LAZER INDÍGENA**

Nas sociedades indígenas a noção de trabalho não é a mesma das sociedades ditas ocidentais, industriais ou complexas. A esfera econômica é interpenetrada por outras dimensões sociais, assim, no processo de produção, o indivíduo não se põe à parte de seus outros papéis e obrigações. A caça, a pesca, a coleta de pinhão, são atividades produtivas, mas que não necessariamente se separam de uma concepção de lazer (RAMOS, 1988). Não há um horário fixo a cumprir, com regras que proibam a divergência em relação à atividade central. Durante uma saída para caçar, um índio pode conversar com seu

companheiro, mudar de rota, resolver caçar outro animal sem ter que necessariamente responder por isso. Assim como não há uma divisão entre classe ociosa e produtiva, não existe uma concepção que separa a hora produtiva e a hora de lazer, o trabalho não é visto em oposição ao lazer (RAMOS, 1988).

Esse ponto de vista em relação ao trabalho pode ser percebido em sociedades indígenas que conseguiram manter-se isoladas do processo civilizatório, ou ainda quando essas sociedades conseguem garantir a posse de uma parte significativa do seu território e preservar os recursos naturais que permitam à sua cultura tradicional viver sem maiores interferências exteriores. No caso dos Kaingáng, o processo de contato com o não índio foi intenso. A ocupação do território paranaense, ao longo dos Oitocentos, pelo processo de expansão econômica da sociedade nacional, promovido pelo governo imperial, buscava novas terras para exploração econômica. Desde o período de escassez de ouro, no final do século XVIII, esses territórios passam a ser utilizados como fazendas para criação de gado. A partir de 1810, começam a surgir, nos Campos de Guarapuava, as primeiras destas fazendas. Suas fronteiras, nos anos de 1839, já alcançavam os limites dos chamados campos de Palmas. Diversos moradores vão, então, se instalar nas imediações destas propriedades e, à medida que surgiam esses povoados, as estradas de ligação das fazendas e de escoamento da produção foram sendo construídas. A apropriação desses espaços 'incultos', pelos colonos, era incentivada pelo governo imperial, que concebia que o homem deveria 'domesticar' a natureza, apropriando-se dela e transformando-a em espaços 'civilizados'. A natureza 'selvagem' se opunha à sociedade 'civilizada'. O índio bravo, que ocupava essas terras, é considerado um entrave ao progresso da nação brasileira, em processo de organização como Estado Nacional. Dessa forma, cada vez mais, os indígenas foram empurrados para os sertões, ou foram aldeados (SANTOS, 2001).

Esses aldeamentos e a constante degradação de suas terras são elementos-chave para entendermos a mudança na concepção de lazer e trabalho destes indígenas. Hoje, com a redução drástica da mata nativa

da região, a poluição dos rios e toda uma longa história de conflitos com o não indígena, já não é mais possível para eles sobreviver unicamente dos recursos naturais. Grande parte da população da TI trabalha em empresas nas cidades próximas, Chapecó e Xanxerê, buscando seu sustento fora da aldeia. Todos esses fatores levaram o indígena dessa região a mudar sua concepção do trabalho, e, hoje, o que se vê é em grande medida o esfacelamento do trabalhador índio numa rotina alienante de trabalho assalariado, que altera completamente a estrutura cultural dos Kaingáng. Descaracterizados muitos dos traços tradicionais de seu povo, buscam revitalizar o que resta.

#### **4 FUTEBOL, BRINCADEIRA DE ÍNDIO**

Estilingues, arapucas, danças e outros tipos de jogos e brincadeiras são frequentemente praticados pela criançada da aldeia. Mas em qualquer terra indígena que visitávamos verificava que as impressões que havia guardado, quando da primeira vez em que visitei uma aldeia Kaingáng, sobre o gosto e a importância do futebol para aquele povo, não estavam erradas. Quando conversávamos com algum indígena informalmente ou por meio da metodologia da história oral, percebíamos que o futebol era visto como uma brincadeira tradicional da comunidade.

Não conseguia entender como, em um contexto de valorização da cultura indígena, eles podiam considerar um esporte com origem não indígena uma atividade tradicional de seu povo. A arapuca utilizada para caçar passarinhos e outros animais é uma prática Kaingáng muito antiga, podendo ser notada até mesmo em relatos de viajantes e outros informantes que, no século XIX, tiveram contato com esse povo, porém, o futebol é conhecido por eles há muito menos tempo. Compreendia a arapuca como uma brincadeira tradicional, o futebol não.

Foi somente estudando a cultura de um ponto de vista histórico-antropológico que pude entendê-los um pouco melhor. Há alguns anos atrás, pesquisando este mesmo tema, consideraríamos que estes índios que vestem calças jeans, acessam a internet e falam no celular já

estariam praticamente 'integrados' a sociedade 'ocidental' e que, por isso, em pouco tempo, desapareceriam. Porém, principalmente a partir da década de 1970, com novos estudos, revigorados após uma fase de 'crise das ciências sociais', a interdisciplinaridade entre a História, a Antropologia e a Arqueologia trouxe aos pesquisadores outra concepção de cultura, que nos ajuda a compreender melhor a realidade deste e de outros povos. O fato de usarem a mesma roupa que um não índio ou praticarem um esporte como o futebol não os destitui de características culturais singulares, que contribuem para a construção de sua identidade enquanto índio e para a ressignificação de sua cultura, que não é estanque. A arapuca, uma brincadeira muito antiga entre os Kaingang, convive muito bem com o futebol, conhecido há menos tempo, e nem por isso menos significativo entre eles. Sendo a cultura dinâmica, os processos históricos ao qual cada grupo é submetido geram novas ressignificações da realidade que, por sua vez, ressignificam a identidade. Ser índio, e se considerar índio, antigamente, é totalmente diferente do que significa hoje, assim como não sou menos brasileiro por que como um McDonalds, por exemplo. É claro que, quando percebemos a identidade enquanto um discurso, os processos históricos pelo qual essa identidade é criada são muito discutíveis, porém esse assunto não será aprofundado neste relato.

A degradação da natureza, a tomada de suas terras e o contato com o homem branco fez com que a sociedade destes indígenas se ressignificasse. A perda de vegetação, assim como o desaparecimento de muitos espécimes de animais, limitou muito a prática da caça; os rios poluídos e o assoreamento limitaram a pesca e outras atividades aquáticas; o processo de aldeamento, a catequização e a educação ocidental transformaram muitas brincadeiras tradicionais baseadas na força e na agressividade, vistas como 'violentas, 'bárbaras' e 'selvagens'. O 'processo civilizador' investiu de sentimentos de vergonha essas atividades, 'regulando' essas manifestações por meio do discurso do autocontrole, excluindo-as progressivamente da vida social deste grupo.

Relatos antigos, como o do etnógrafo paranaense Telêmaco Borba, que escreve no final do século XIX e início do XX sobre as atividades



desportivas dos índios Kaingáng, fornecem-nos subsídios para que possamos refletir sobre essa questão. Desta maneira, em sua tese de doutorado, intitulada *Etno Desporto Indígena: Contribuições da Antropologia Social a Partir da Experiência entre os Kaingáng*, o antropólogo José Ronaldo Mendonça Fassheber, citando Borba, mostra-nos que os jogos tradicionais destes indígenas envolviam grande apelo ao corpo e a rivalidade:

[...] costumam fazer um exercício e divertimento que chamam *caingire*, que parece, e realmente é, um verdadeiro combate, com quanto não resulte das ofensas nessas ocasiões recebidas nenhuma inimizade. Para fazer este divertimento, preparam um largo terreiro, cortam grande quantidade de cacetes curtos, que vão depositando nas duas extremidades deste; convidam os de outros arranchamentos para se divertirem; aceito o convite, preparam também seus cacetes, e, carregados com eles, vêm se aproximando cautelosamente do lugar do *divertimento*; ali chegados, sahem-lhes os outros a combater; arremessam-se mutuamente os cacetes com grandes vozerias, simulando um verdadeiro combate, até que um dos grupos abandona o terreiro, sofrendo por essa causa, grandes vaias e apupos. As mulheres, cobertas com uma espécie de escudo feito de cascas de árvore, vão juntando os cacetes que são arremessados, e depositando-os junto aos combatentes; quando algum desses cae mal ferido, elas o retiram do terreiro e tratam. Nestas lutas sempre há grandes ferimentos, contusões, olhos furados e dedos quebrados; mas, daí não procede nenhuma inimizade. Os que sahem mais mal tratados, em piores circunstâncias, são considerados os mais valentes (*turumanin*), e como taes gabados. [...] Também usam este divertimento de noite e chamam-lhe *pingire* porque os cacetes são acessos em uma das extremidades; dá o mesmo resultado que o *cangire*, apenas com o accrescimento das queimaduras. Exercitam-se desde pequenos na luta corporal; o que derriba um, tem de supportar a prova de todos os outros que queiram experimentar, até que, exausto de forças, succumba a seu turno. Todos os outros seus brinquedos e divertimentos são sempre mais ou menos grosseiros e brutos. (BORBA, 1908, p. 17 e 18 apud FASSHEBER, 2006, p. 84, grifos e grafias no original)

Esses jogos tradicionais, como o Pinjire e Kanjire descritos acima, eram vistos como atividades muito violentas pelos colonizadores, mas não eram encarados da mesma maneira pelos Kaingáng. A atividade, que servia também como preparação dos corpos para guerra e para a caça, foi proibida e sistematicamente substituída por outras atividades, mais ‘civilizadas’, nos aldeamentos. Fassheber, citando mais uma vez Borba, mostra-nos que quando estes jogos começam a se tornar conhecidos

pelos não índios, começam também, progressivamente, a ser coibidos. Na insistência de praticarem estes jogos, uma anciã reclamou a Telêmaco Borba:

Você não quer que a gente se divirta mais com este brinquedo, mas hoje nos não temos mais guerra com vocês para nos exercitar; sem este brinquedo, nossos homens hão de se tornar fracos e medrosos como mulheres, o que não convém, porque no mato ainda há muita gente brava, que pode nos atacar e a vocês; se não estivermos exercitados, como nos defenderemos? E, de mais, este brinquedo que você vê, no meu tempo, era próprio só de crianças; os homens tinham outros mais sérios, nos quais sempre se dava alguma morte; mas, por essa causa nunca brigávamos e sempre fazíamos o enterro como amigos (BORBA, 1908, p. 17 e 18 apud FASSHEBER, 2006, p. 86).

Mesmo sendo encarada como uma brincadeira infantil pelos Kaingáng, a atividade era vista como um “bárbaro passa tempo”, nas palavras do alemão Franz Keller. Assim, gradualmente, nos aldeamentos criados pelo governo imperial, mais tarde pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e posteriormente pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), estas brincadeiras foram substituídas. O futebol passa a ser conhecido pelos Kaingáng neste contexto, mesmo sendo muito difícil afirmar qual a data exata de sua penetração nas aldeias.

Mostrando-se muito habilidosos com a bola, os indígenas cada vez mais praticam essa atividade, que se difunde rapidamente pelas áreas de aldeamento. Hoje, disputando diversos campeonatos com times montados dentro das aldeias e formados por indígenas, eles são donos de uma reputação de grandes jogadores e, frequentemente, são escalados para times de fora das aldeias. Até mesmo grandes clubes, segundo o relato dos próprios indígenas, como o Internacional e o Grêmio de Porto Alegre, já tiveram ‘olheiros’ dentro das terras indígenas para observar, durante as partidas, jovens habilidosos que pudessem ingressar nesses grandes times.

Fundado em meados da década de 1980, o Dezenove de Abril é um desses times, em que todos os integrantes são indígenas, muito conhecidos nas redondezas da Terra Indígena Xapecó. Campeão de diversos torneios, promovidos dentro da terra indígena entre as diversas aldeias, também venceu vários campeonatos disputados nas cidades

vizinhas como Ipuacu, Xanxerê, Chapecó e Bom Jesus. O nome sugestivo demonstra um orgulho de ser índio, e fica clara essa identidade nas partidas disputas contra os *Fóg*, ou não índio no idioma Kaingáng, que reconhecem que eles são jogadores 'osso duro', extremamente resistentes e habilidosos.

Os próprios índios fazem questão de ressaltar, em relação ao não índio, essa resistência e força superior para correr e jogar. Essa valorização da força está intimamente ligada à cultura Kaingáng, que vê este atributo como essencial na formação do corpo de um índio. Além disso, a estrutura dos times reflete muito bem as características da formação familiar deste povo, sempre tendo irmãos, primos e cunhados integrando os times.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O contato que tive com a temática indígena, dentro e fora das aldeias, através do projeto de extensão *Da Arapuca ao Futebol: o lazer Kaingáng através dos tempos* me ajudou muito a refletir sobre minha própria realidade. Somente em comparação com uma sociedade diferenciada é que pude perceber as várias maneiras de interpretar a realidade e agir sobre ela. Através do estudo da temática indígena pude perceber claramente o quanto nosso sistema é excludente, degradando as minorias ao destituí-las de poder político e retribuindo-as com migalhas. O preconceito ao qual estas pessoas estão expostas é diário e reflete no salário que ganham nas empresas em que trabalham, fora da aldeia, na degradação de suas terras e nas equivocadas concepções de que 'índio é tudo vagabundo'.

Tenho percebido a importância do estudo da temática indígena como um meio de ajudar a dar voz a essas pessoas que muito tem gritado, mas que poucos têm escutado, colaborando também para o reconhecimento da sua cultura como diferenciada e combatendo o preconceito que ainda é uma realidade marcante. Porém, ressalto que esses estudos têm que surgir aliados ao ensino de base para que o conhecimento gerado na academia seja intercambiado com o saber

escolar, gerando materiais que sirvam de subsídio para formação de indivíduos mais críticos e que respeitem a diferença, reconhecendo-a como legítima.

## REFERÊNCIAS

BORBA, T. **Actualidade Indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, 11 de março de 2008, p.1.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CUNHA, M. C. da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

\_\_\_\_\_. **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FAPESP / Companhia das Letras, 1998.

FASSHEBER, J. R. M. **Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingáng**. 2006. 170f. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2006.

NÖTZOLD, A. L. V. **Nosso vizinho Kaingáng**. Editora da UFSC: Florianópolis, 2003.

RAMOS, A. R. **Sociedades indígenas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, L. M.; SILVA, J. C. da. Do Papel ao Cotidiano: escola e educação escolar indígena na E.I.E.B. Cacique Vankhê. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL. MERCOSUL: INTEGRAÇÃO E DESENCONTROS, 1, 2011, Passo Fundo. **Anais**, v. 2, n. 1, p. 1615-1628, 2011, - Disponível em: <<http://www.upf.br/historiaregional/images/stories/anais-do-cihr-volume-2-2011.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2012

SANTOS, Z. M. Os Campos de Guarapuava na política indigenista do Estado Provincial do Paraná - 1854/1889. **ANACLETA**, Guarapuava, v. 2, n. 1, p. 103-122, 2001.

*Recebido em 15/01/2012*  
*Aprovado em 26/02/2012*